

**DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA E (DES)ESTRUTURAÇÃO DE
COMUNIDADES RIBEIRINHAS NO BAIXO AMAZONAS
(SANTARÉM – ORIXIMINÁ – PA)**

**CAPITALIST DEVELOPMENT AND DISINTEGRATION OF THE
RIPARIAN COMMUNITIES OF LOW AMAZON
(SANTARÉM – ORIXIMINÁ – PA)**

Prof. Dr. Jacob Binsztok

Universidade Federal Fluminense – Núcleo de Pesquisas Agroambientais (NEPAM) -
jacob.binsztok@terra.com.br

Camila da Silva Faria

Universidade Federal Fluminense – Núcleo de Pesquisas Agroambientais (NEPAM)
cs-faria@hotmail.com

RESUMO

A pesquisa investiga o avanço do desenvolvimento capitalista no Baixo Amazonas, no eixo Santarém - Oriximiná, mostrando o processo de desestruturação das comunidades tradicionais ribeirinhas colocadas em risco em função do processo de modernização decorrentes da implantação de rodovias que se originam no Centro-Oeste em direção à Amazônia. O trabalho avaliou dois ecossistemas distintos: o primeiro representado pelas comunidades localizadas nos paranás e o outro, privilegiou residentes na calha dos rios Trombetas e Amazonas. A análise tanto contemplou as atividades econômicas praticadas nestes ecossistemas como também a vivência comunitária destas populações. Por último, foram elaborados tópicos referentes aos principais impactos sócioespaciais provocados pela rodovia Cuiabá-Santarém, que altera a dinâmica das populações tradicionais, à semelhança do ocorrido com a rodovia Cuiabá - Porto Velho e anteriormente, na década de 1970, com a Belém – Brasília. Neste sentido, a preservação das comunidades objetos do estudo são fundamentais para a preservação destes ecossistemas amazônicos em função do desenvolvimento capitalista vinculado à expansão do Complexo de Carne e Grãos, representado pela pecuária e a monocultura da soja e pela mineração de bauxita executada pela Rio Norte, subsidiária da Companhia Vale, em Oriximiná.

Palavras-chave: Desenvolvimento capitalista, paranás, calhas, desestruturação, comunidades ribeirinhas

ABSTRACT

The research investigates the advance of capitalist development in the Low Amazon, on the axis Santarém - Oriximiná, showing the process of disintegration of traditional riverine communities placed at risk because of the modernization process resulting from the implementation of highways that originate in the Midwest toward the Amazon. The study evaluated two distinct ecosystems: the first represented by the communities located in paranás and the other privileged residents in the pipeline Trombetas and Amazon rivers. The analysis included both economic activities practiced in these ecosystems as well as the community life of these populations. Finally, topics have been developed regarding the main socio-spatial impacts caused by the road

Cuiabá-Santarém, which alters the dynamics of traditional populations, as occurred with the Cuiabá - Porto Velho and earlier, in the 1970s, with the Belém - Brasília . In this sense, the preservation of objects of the study communities are fundamental to the preservation of Amazonian ecosystems as a function of capitalist development linked to the expansion of Complex Meat and Grains, represented by cattle and soybean monoculture and bauxite mining carried out by North River, subsidiary of Companhia Vale in Oriximiná.

Keywords: Capitalist development, paranás, gutters, disruption, riverine

Introdução

O trabalho tem como objetivo investigar as contradições e desigualdades promovidas pelo desenvolvimento capitalista contemporâneo, mostrando suas implicações sócioespaciais em comunidades ribeirinhas localizadas no Baixo Amazonas, no Eixo Santarém – Oriximiná (PA), importante adensamento populacional posicionado estrategicamente entre as cidades de Belém e Manaus.

As orientações metodológicas estão fundamentadas em contribuições de autores que analisaram as contradições e as desigualdades do desenvolvimento capitalista no campo brasileiro e particularmente na Amazônia.

A pesquisa de campo foi realizada mediante entrevistas abertas, contando com a participação de comunidades localizadas em dois ecossistemas distintos, privilegiando aglomerados situados estrategicamente nos paranás e na calha dos rios Amazonas e Trombetas. As comunidades foram selecionadas por diversos critérios, tais como: acesso, alta ou reduzida densidade populacional, ou indicadas como relevantes pela tripulação da embarcação. Neste sentido, foram percorridas as comunidades de Vila Barbosa, localizada no município de Santarém; a comunidade de São Jorge de Ipaupixuna em Óbidos, na calha do Rio Amazonas; e Cristo Rei, situada nas proximidades da confluência dos rios Trombetas e Amazonas, em Oriximiná. Foram utilizados dados censitários de 2000 e 2010, visando comparar a dinâmica demográfica de Santarém, Óbidos e Oriximiná.

As atividades econômicas predominantes na região estão fundamentadas na agricultura, onde são praticadas lavouras de subsistência e a comercialização de excedentes nos cultivos de mandioca, milho, feijão e frutas; verificamos ainda a expansão indiscriminada da pecuária de corte nas várzeas do Baixo Amazonas ocupando de forma predatória os ecossistemas dos paranás e da calha dos rios principais e da pesca de subsistência e sobrepesca comercial, colocando em risco espécies como o tucunaré, tambaqui, surubim e dourado.

O estudo enfatizou particularmente as diferentes características sócio-espaciais das populações residentes nos paranás e na calha principal dos rios Amazonas e Trombetas, menos visíveis e mais expostas às intempéries, em função de sua localização, e pouco mencionadas na literatura geográfica, ao contrário das numerosas pesquisas envolvendo comunidades de fácil acesso e abrigadas nos paranás e nas ilhas do Baixo Amazonas.

As comunidades localizadas tanto nas várzeas dos paranás quanto na calha dos rios principais, apesar de suas especificidades, podem ser consideradas representativas das contradições e desigualdades que caracterizam o desenvolvimento capitalismo contemporâneo no campo brasileiro e particularmente amazônico, pois o sistema ribeirinho está sendo paulatinamente (des)estruturado pelos seguintes fatores: advento da rodovia Cuiabá – Santarém; expansão indiscriminada do consumo de óleo diesel em geradores e embarcações; avanço da pecuária extensiva, reduzindo significativamente as áreas ocupadas pela policultura camponesa; rotas de grandes navios graneleiros carregados de soja e minérios, que percorrem constantemente os ecossistemas locais, alterando a dinâmica fluvial e a liquidação de pequenas comunidades que sem alternativas de geração de trabalho e renda, migram para centros urbanos mais próximos como Óbidos, Oriximiná e Santarém e distantes como Manaus.

Paraná e Calhas

A tranquilidade das águas e a reduzida distância entre as margens, facilitam a estruturação das comunidades ribeirinhas localizadas nos braços dos eixos fluviais, denominados localmente de paranás, com atividades sociais centradas na igreja e no salão de festas do clube e no campo de futebol, onde se realizam os principais eventos da vivência comunitária das populações locais.

Os produtos agrícolas cultivados nestas comunidades são a mandioca, milho e o feijão, desempenham distintas funções na economia familiar da região (CASTRO, 2008). A mandioca é cultivada principalmente para a subsistência, e para a produção de farinha, ocorrendo eventualmente a comercialização de excedentes. O milho é utilizado como ração para pequenos animais possuindo a vantagem de ser estocado durante meses e consumido ao longo do ano. O feijão é um dos produtos comercialmente mais importantes da região, pois as vantagens deste cultivo estão no seu rápido crescimento, aproximadamente 3 meses; sendo apropriado para os solos de várzea, facilidade de estocagem e preço relativamente elevados no mercados locais.

São cultivadas, também, frutas, destacando-se a banana, laranja e melancia, produtos valorizados, que transportados em barcos chegam rapidamente em excelentes condições ao

mercado de Santarém, diferente dos produtos cultivados na terra-firme, que transportados em caminhões chegam em condições inferiores aos consumidores. São ainda cultivados o tomate e a abóbora, porém em menor escala.

A criação de pequenos animais como galinhas e patos é realizada por um significativo número de ribeirinhos, sendo esta atividade importante para a reprodução social destas comunidades, permitindo a obtenção de produtos protéicos durante períodos de escassez de pescado, possibilitando também auferir renda mediante a comercialização dos animais nos períodos de crises vivenciadas pela agricultura.

Para a economia familiar a criação de pequenos animais é relevante, na medida em que pode ser realizada pelas mulheres, idosos ou crianças, simultaneamente a outras atividades, pois não necessita de um grande contingente de produtores, contribuindo ainda para manter a segurança alimentar destas populações.

Apesar da intensidade das mudanças ocorridas na região, particularmente após a abertura da Rodovia Cuiabá-Santarém, a comunidade de Vila Barbosa com cerca de 1000 habitantes, pode ser considerada um exemplo da permanência de algumas categorias tradicionais, na medida em que seus habitantes estão conseguindo manter em atividade uma organização tipicamente camponesa, fundamentada no trabalho familiar e no cultivo de produtos de subsistência e comercialização de pequenos excedentes de milho, feijão, mandioca e frutas.

A proximidade e a relativa facilidade de acesso da comunidade de Vila Barbosa, localizada em um paraná do Baixo Amazonas, próximo ao significativo mercado de Santarém, contribui para que a policultura típica da produção camponesa permaneça e funcione como um “Cinturão Verde”, complementando o abastecimento do terceiro município mais populoso do estado do Pará, com cerca de 300 mil habitantes.

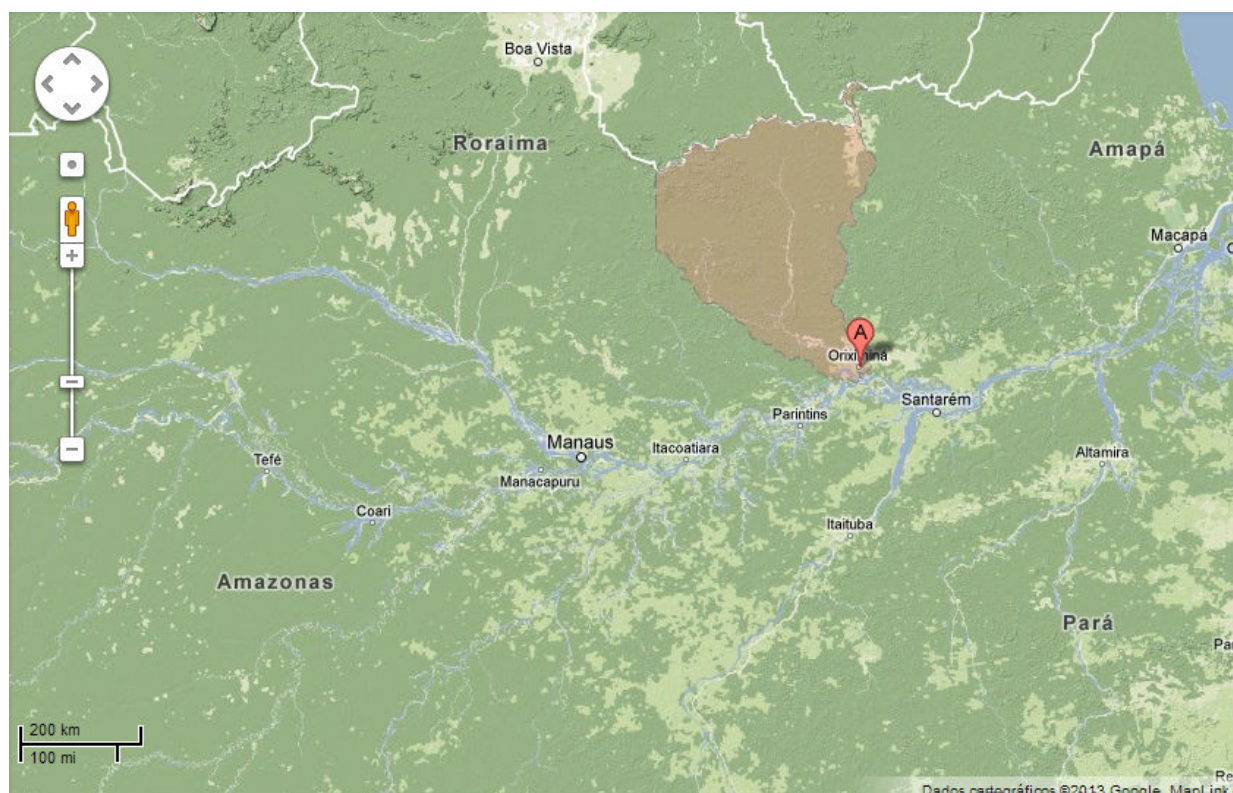
As formas de trabalho associativo típico da organização camponesa, ainda estão presentes na Vila Barbosa, na medida em que seus moradores organizam mutirões para realização de festas religiosas, cívicas, e esportivas, convidando comunidades distantes para participarem dos eventos que geralmente duram vários dias e por vezes são financiadas por políticos locais em troca de votos.

Ao contrário das comunidades dos paranás, os aglomerados populacionais, localizados na calha dos rios principais, Amazonas e Trombetas, são mais dispersos pois sofrem os efeitos dos fortes ventos e também do grande número de detritos, como troncos de madeira que vão se acumulando nas reentrâncias dos cursos fluviais. A grande distância entre as margens e o risco

para a navegação de pequeno porte dificultam a organização comunitária e a conseqüente vida de relações. A intensidade dos ventos e seus efeitos fazem com que a região de Óbidos seja denominada pela população local de “Costa de Óbidos”. Nesta área os aglomerados se caracterizam pelos fortes laços familiares tradicionais da Amazônia, como na comunidade de Santa Cruz do Ipaupixuna do Mar de Óbidos e São Jorge do Ipaupixuna da Costa de Óbidos, onde a família Galvão, durante longo tempo constituiu-se em uma das lideranças hegemônicas locais. No entanto, os laços familiares não estão restritos a estas comunidades, pois, também estão presentes, nas comunidades ribeirinhas, localizadas nos paranás, revelando que a característica familiar encontra-se presente nos dois ecossistemas.

As mudanças que ocorreram na economia do Baixo Amazonas nas últimas décadas ocasionaram profundas alterações nas comunidades, localizadas nas proximidades do encontro dos rios Trombetas e Amazonas, que não conseguiram sobreviver ao declínio dos cultivos da juta e do cacau. Neste caso, destacamos a comunidade do Cristo Rei, que se encontra em franco declínio facilmente percebido pelo estado das casas mal cuidadas e abandonadas, inclusive as que eram utilizadas para fins-de-semana. Atualmente, existem somente cerca de vinte casas e, aproximadamente, 100 pessoas, pois grande parte desta comunidade migrou para os grandes centros. Existe uma forte tendência de que comunidades em declínio desapareçam com o tempo e que a área seja ocupada por fazendas de gado de corte, movimento impulsionado pelos preços ainda baixos das terras amazônicas e pelo avanço do cultivo de grãos que, de certa forma, é precedido pela expansão da pecuária originária de criadores do Centro-Sul do país.

Figura 2: Eixo Oriximiná – Santarém (Baixo Amazonas)



Fonte: Google Maps, 2013.

A distância no caso não parece ser um problema crucial, pois, levando-se em consideração as escalas amazônicas, as distâncias são curtas, com os moradores gastando 1,5 horas descendo o rio proveniente de Oriximiná, e duas horas subindo realizando o retorno. A localidade não possui escola, nem posto de saúde, sendo atendida por uma agente comunitária residente no local e funcionária da Prefeitura. No momento, a vila sofre um intenso processo de emigração para Manaus, Oriximiná e Óbidos, ao contrário da Vila Barbosa, localizada na área de influência de Santarém, que possui uma organização de produtores com 208 associados e cerca de 1000 moradores.

As comunidades em declínio podem ser caracterizados como tipicamente camponesas, apresentando pequenas roças de subsistência e reduzidas criações de galinhas e cabeças de gado. Trata-se de uma população marcada intensamente pela sazonalidade e pela intensidade dos ventos e da força das águas, praticando, simultaneamente, a agricultura com a pesca de subsistência, com uma rede denominada “malhadeira” em pequenos currais localizados à margem do rio. O combustível e a água são adquiridos em Oriximiná. Apesar do forte declínio que

segundo informações foi iniciado com a eliminação do cultivo da juta, fibra utilizada para o acondicionamento de produtos agrícolas, é interessante notar, que diferente de outros locais, este grupo possui sistemas de captação de água de chuva, de elevada eficiência, mas, pouco utilizadas na região.

A gradual eliminação da juta cultivada integralmente por métodos naturais, foi incentivada pela substituição de sacaria produzida pela fibra de *nylon* oriundo do petróleo. Um dos fatores que contribuiu para a eliminação da juta foi o modo de seu corte, realizado no período das cheias expondo os agricultores a doenças provenientes do longo contato com a água e ainda sujeitos a acidentes provocados pela interferência da fauna aquática, como arraiais e répteis.

Recentemente o avanço da agricultura orgânica e o advento de um posicionamento crítico em relação ao estado de conservação dos produtos armazenados pelas fibras de *nylon*, como no caso do café, que perde qualidade em comparação com a sacaria de juta, possibilitaram a retomada em pequena escala do cultivo da fibra. Acrescenta-se o fato de que a juta também pode ser utilizada como um dos cultivos básicos para a absorção de CO₂ na Amazônia.

As condições de saúde são precárias, principalmente em Oriximiná, pois poucas comunidades possuem postos de atendimento. As condições de saneamento são extremamente deficitárias, pois os ribeirinhos consomem água diretamente do rio, onde despejam dejetos, provocando a disseminação de doenças de veiculação hídrica, sobretudo diarreias e verminoses.

A precariedade das condições de saúde da região pode ser constatada quando observamos o panfleto fixado no Mercado Municipal de Óbidos, informando o horário de visitas do médico oftalmologista à cidade, que ocorre somente uma vez por semana. A decadência econômica de Óbidos é comprovada pelo reduzido número de mercadorias existentes nos boxes do referido estabelecimento e pela ausência de conservação dos principais prédios da cidade. A decadência de Óbidos também foi ocasionada pela eliminação do ciclo da juta e secundariamente pelo desaparecimento do cacau, cultivos anteriormente importantes para o comércio da cidade que não se recuperou não conseguindo substituir a importância destes produtos.

Um dos fatores que contribuem para a convivência social na Região do Baixo Amazonas é o futebol, pois quase todas as comunidades localizadas indistintamente nos paranás ou na calha principal dos rios, possuem um campo para prática do esporte organizando, inclusive, torneios e campeonatos, mesclado entre homens e mulheres. Ao visitarmos uma comunidade, um campeonato estava sendo realizado e tivemos a oportunidade de entender melhor o processo. O evento estava sendo promovido pela associação de pescadores locais, localizada próximo de

Santarém e foi uma das poucas oportunidades em que observamos uma comunidade apresentando um povoamento mais denso. Outros eventos significativos são as festas, que ocorrem duas ou três vezes ao ano e também a realização de missas, que são bastante espaçadas, devido ao fato de não existirem párocos permanentes nas comunidades.

Pesca de subsistência e comercial

As comunidades localizadas nos paranás e na calha dos rios Amazonas e Trombetas, apresentam significativa importância nas atividades relacionadas a pesca de subsistência e comercial, capturando e comercializando, espécies como: tucunaré, tambaqui, surubim e dourado.

Os pescadores revelaram que atualmente a captura está ocorrendo em locais distantes, principalmente em paranás e lagos, atingidos mediante 3 dias de viagem. Constatamos reclamações em relação à disponibilidade de peixes em Óbidos, porém observamos o desembarque de pequenos barcos denominados de “bajaras”, com três pescadores, carregando cerca de 300 kg de peixes das mais variadas espécies.

São visíveis os sinais da existência de um monopólio na comercialização do pescado, exercido pela empresa Pasquarelli, originária de Bauru (SP) e sediada há cerca de vinte anos em Óbidos. A empresa atualmente não possui embarcações e adquire grande parte da produção local mediante operações realizadas em discutíveis condições de segurança e higiene, pois não há um ancoradouro seguro e a descarga do produto é realizada pelos próprios pescadores subindo e descendo o barranco, transportando o peixe em caixotes de plásticos. O caso desta empresa mostra um exemplo típico de apropriação da renda produzida pelos trabalhadores obtida pela subordinação da produção aos representantes do monopólio comercial, conforme OLIVEIRA (1986).

Em linhas gerais, verificamos que a referida empresa cumpre as exigências do defeso¹, pois encontramos uma lista de espécies liberadas para comercialização fixada no balcão de atendimento aos fornecedores e clientes. O cumprimento do defeso, que ocorre no período de 15/11 a 15/03, possibilita aos pescadores a obtenção de uma renda de um salário mínimo durante quatro meses, funcionando como um salário desemprego.

¹ Entende-se por defeso o período de proibição da pesca, com o objetivo de proteger os organismos aquáticos durante as fases mais críticas de seus ciclos de vida, como a época de sua reprodução ou ainda de seu maior crescimento (Ministério de Pesca e Aquicultura). O defeso de cada espécie é instituído por um ato normativo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, conforme assegurado pelas Leis Federais N°10.779/2003 e N°11.959/2009.

Castro (2006), não menciona a presença do monopólio comercial do pescado assinalado em Óbidos, contudo adverte para a complexidade que envolve o conceito de pesca comercial e de subsistência na região do Baixo e Médio Amazonas. Para o pesquisador existem casos em que a pesca é estritamente de subsistência, destinada ao consumo local com a distribuição de excedentes entre familiares e a vizinhança. Em outros, o excedente dependendo das possibilidades é comercializado. O autor alerta para o fato, de que a mesma família pode alternar suas atividades entre a pesca comercial e de subsistência ao longo do ano, ou entre anos distintos. Prosseguindo, mostra que pode ocorrer ainda, associações entre pescadores locais e grandes barcos de pesca, revelando a existência de uma cadeia de produção envolvendo segmentos da cidade e do campo.

A máxima expressão da atividade associativa dos pescadores das comunidades ribeirinhas é representada pela organização de festas religiosas ou cívicas. Neste período os moradores informaram a existência de uma forte mobilização para o trabalho coletivo (o mutirão). As festas possuem um caráter lúdico que, em alguns casos, mobilizam comunidades distantes, localizadas a 8 ou 10 horas de viagem.

O preço do óleo combustível, importante insumo para a pesca, não sofre oscilações decorrentes das longas distâncias, pois é subsidiado pelas contas de energia elétrica da população do Sul e do Sudeste do país. Este subsídio é denominado CCC, significando Conta de Consumo de Combustível, e tem como objetivo reduzir a disparidade dos custos de energia no Norte e Nordeste, estando estimado em cerca de R\$ 2,2 bilhões anualmente.

O aumento do consumo de óleo diesel incentivado pelo forte subsídio está contribuindo para que a população adquira pequenos barcos motorizados com motor Honda e geradores instalados nas comunidades. A difusão destes equipamentos está influenciando para a ocorrência de significativas mudanças ambientais e repercussões culturais nas populações locais. Os barcos motorizados estão eliminando, paulatinamente, a presença de embarcações a remo, prática tradicional destas comunidades, que passaram a realizar corridas de barcos, a semelhança das competições efetuadas pelos veículos de pequeno porte urbano.

O referido subsídio facilita os deslocamentos das populações ribeirinhas fomentando a aquisição de pequenas embarcações, a gasolina e comercializadas em um valor estimado de R\$ 1.400,00, substituindo as motonetas utilizadas pelas populações dos núcleos urbanos. O consumo de diesel está contribuindo para transformações sócio-espaciais das comunidades ribeirinhas e fomentando a (re)estruturação deste sistema, no Baixo Amazonas que está sofrendo a influência

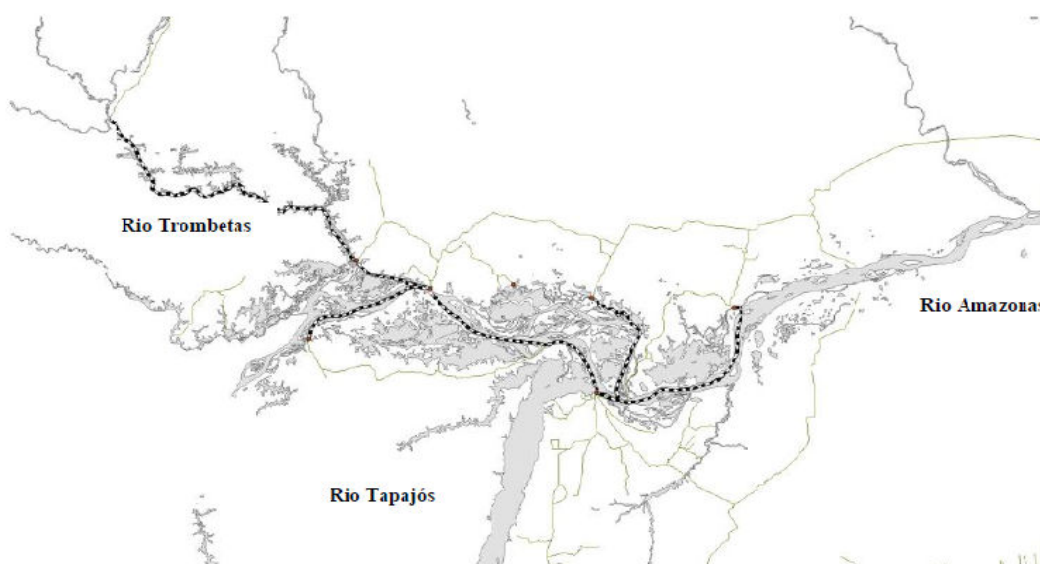
da abertura da rodovia Cuiabá – Santarém, e iniciando um processo de periferação destas comunidades que gradualmente são suplantadas pelas populações provenientes dos eixos rodoviários. O advento da rodovia Cuiabá-Santarém alterou significativamente as relações do centro de Santarém com as várzeas do Baixo Amazonas. Situação similar pode vir a ocorrer com Porto Velho, que passou por um verdadeiro “inchaço” urbano, fruto do fluxo rodoviário da BR – 364, proveniente de Cuiabá e de cidades do sul e do centro de Rondônia.

Examinando o quadro socioeconômico do Baixo Amazonas consideramos ainda pertinentes as observações realizadas por Velho (1979) quando analisava os impactos produzidos pela implantação da rodovia pioneira Belém – Brasília, no sul do Pará e no oeste do Maranhão, mostrando a diferenciação do modo de produção dos colonos da “mata” (eixo rodoviário / moderna) e da “beira” (comunidades tradicionais ribeirinhas). O autor destacava o caráter preconceituoso assumido pelos “modernos”, que chegando a região pela rodovia originários de diferentes pontos do país, autodenominavam-se bons trabalhadores e empreendedores ao contrário das comunidades ribeirinhas tradicionais, rotuladas como indolentes e atrasadas, portanto incapazes de serem incorporadas ao processo de modernização, difundido pela rodovia pioneira.

Expansão da pecuária nas várzeas do Baixo Amazonas

Segundo o IBGE (2000) o desempenho da pecuária na Amazônia Legal, entre 1995/2000, foi concentrado nos estados do Pará, Mato Grosso e Rondônia, respondendo, praticamente por todo o incremento do rebanho bovino nacional. A rede de transporte rodoviária foi de fundamental importância para que amplos espaços localizados ao longo dos principais eixos que cortam a Amazônia Legal, como BR-364, BR-163, Transamazônica, Belém-Brasília e as estaduais PA-150 e MT-138, fossem incorporadas pela pecuária de corte (Figura 1).

Figura 1: Mapa da rede de transporte do Baixo Amazonas.



Fonte: M.S.G. Tobias, R. A. R. Ramos & D. S. Rodrigues, 2012. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23466/1/Paper222_23-0-13.pdf

Para Smeraldi e May (2008), a pecuária da Amazônia foi intensificada de maneira sem precedentes ao longo dos últimos cinco anos e o fato está requerendo uma nova atenção das autoridades governamentais e do segmento técnico científico, que ainda subestima a dinâmica e as dimensões deste movimento. Segundo os autores, para cada quatro cabeças adicionais de gado no país, nos últimos 5 anos, três são oriundas da Amazônia.

Prosseguindo, os pesquisadores, mostram que não ocorreu o aumento do rebanho fora da Amazônia Legal, na medida em que 96% do crescimento registrado neste período no país (equivalente a aproximadamente 10 milhões de cabeças) é oriundo da Amazônia. Portanto, o aumento da produção amazônica permitiu ao Brasil, a partir de 2004, o isolamento na liderança mundial na exportação de carne bovina. Em 2007, o país, exportou mais carne que o segundo e terceiro colocados, juntos.

Concordamos com Smeraldi e May (2008), quando apontam para a presença de fatores específicos responsáveis pela expansão da pecuária na Amazônia, como:

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 3, n.1, p 184 - 201. Janeiro/julho. 2013.

1. Baixo custo da terra, devido ao fato de existirem ainda vastos espaços passíveis de serem apropriados ilícita e impunemente pelos tradicionais métodos de grilagem de áreas públicas;
2. Pressão por terras no Centro-Sul do país, onde o avanço do cultivo de grãos e da cana-de-açúcar acabaram provocando o deslocamento da pecuária para a ocupação de novos espaços na fronteira amazônica;
3. Geração de tecnologias possibilitando a intensificação do manejo, e consolidando grandes empreendimentos dedicados a pecuária, mediante a adoção dos seguintes procedimentos:
 - O uso de espécies de gramíneas e leguminosas forrageiras adaptadas às condições locais, inclusive aos solos de baixa permeabilidade;
 - Uso de cercas eletrificadas no manejo do rebanho, possibilitando a lotação rotativa e aumentando a eficiência das pastagens;
 - Adoção de fórmulas permitindo a suplementação mineral adequada a alimentação do rebanho bovino;
 - Uso crescente de inseminação artificial visando o melhoramento genético do rebanho.
4. Formação de uma pecuária empresarial em alguns segmentos, preocupados com o aumento da produção e qualidade do produto;
5. Aproveitamento das condições ambientais, representada pela boa distribuição de chuvas, especialmente para a raça zebuína, possibilitando a utilização das pastagens durante o ano todo.

A pesquisa realizada por Castro (2008), em função das condições naturais, mostra os criadores de gado das várzeas do Baixo Amazonas divididos em três categorias, em função do tamanho do rebanho: pequenos criadores com até 10 cabeças; médios pecuaristas entre 11 e 50 cabeças; e grandes criadores com mais de 50 cabeças.

O trabalho revela a presença de duas tendências encontradas no avanço da pecuária nas várzeas do Baixo Amazonas. Uma representada pela maioria dos pequenos criadores (60%),

possuindo apenas 10% do total do rebanho, e outra revelando a concentração realizada pelos grandes criadores detendo 62% do efetivo bovino e abrangendo somente 10% das unidades familiares. Estas tendências ressaltam a inserção da pecuária praticada nas várzeas amazônicas nos movimentos contraditórios e desiguais que caracterizam o desenvolvimento capitalista no campo brasileiro Oliveira (1986), onde um significativo número de criadores possuem uma reduzida parcela do rebanho e um pequeno número de pecuaristas concentra uma parte significativa do efetivo bovino.

Em relação à importância desempenhada pelos médios criadores, Castro (2008) assina-la que o grupo representa um setor emergente entre os residentes locais capazes de acumular capital deste o ciclo da juta, e atualmente, são pequenos proprietários de terra. Este setor apresenta um papel relevante nas relações sociais funcionando como uma elite local que possui um poder relativamente elevado nas comunidades. Em alguns casos estes criadores exercem o papel de patrões locais desempenhando funções econômicas políticas e sociais, tais como dirigentes políticos, comerciantes, proprietário de barcos motorizados, marreteiros (intermediários), entre outros (CASTRO, 2008).

As relações de trabalho também estão contribuindo para o desenvolvimento da pecuária nas várzeas do Baixo Amazonas, onde um vaqueiro que trabalha para um grande pecuarista recebe em troca, metade dos bezerros do rebanho, facilitando a formação de um regime de “sociedade” entre trabalhadores da fazenda e pecuaristas, permitindo ainda, o surgimento de pequenos criatórios nas unidades controladas pelos pequenos produtores familiares. Esta modalidade não é nova e foi caracterizada no passado como um produto de relações não capitalistas no campo, o sistema da “sorte” facilitando a formação de pequenos criadores no Pantanal Mato-Grossense e nas várzeas amazônicas.

A pecuária de corte é atualmente uma das atividades predominante nas várzeas do Baixo Amazonas, contribuindo, com o constante pisoteio, para a depredação dos recursos naturais deste importante ecossistema, que possui condições de ser caracterizado como sustentável, na medida em que o ritmo imposto às suas margens pela sazonalidade renova constantemente o seu perfil morfológico e pedológico. As queimadas predatórias realizadas na terra firme, responsáveis muitas vezes pela laterização, são atenuadas nas áreas de várzea, pois no período das enchentes as cinzas são envolvidas pela dinâmica das águas.

Segundo um dos líderes dos pecuaristas locais, a Amazônia no momento está rigorosamente congelada entre territórios indígenas e quilombolas, não restando alternativa, a não

ser a ocupação das várzeas pela pecuária de corte. Esta opinião representa o pensamento de uma elite que se sente ameaçada pela presença de ONG's internacionais de cunho sócio-ambiental, e recorre ao discurso nacionalista como forma de proteção para manter seus interesses empresariais. Para este empresário, Oriximiná vive de *royalties* da bauxita e a Amazônia está sendo transformada em uma reserva global de recursos florestais, segundo as diretrizes de instituições e fóruns internacionais.

O discurso reproduz, em linhas gerais, concepções nacionalistas dos anos 60, onde a atuação dos agentes internacionais era apontada como responsável pelos riscos à soberania nacional e a Amazônia era permanentemente vítima da cobiça internacional. Em nossa opinião a atividade deste atores deve ser considerada, mas relativizada, pois também possibilitou a Chico Mendes atingir a plenária do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Washington, e desta forma, difundido, na época, as reivindicações dos povos da floresta na pauta das instituições internacionais centrais de fomento ao desenvolvimento capitalista.

É importante ressaltar que os pecuaristas de Oriximiná, apesar de ocuparem de forma predatória as várzeas e a calha principal do Rio Trombetas, não conseguem certificar seus rebanhos como um produto de qualidade capaz de ser oferecido aos trabalhadores da mineradora Rio Norte, controlada pela Companhia Vale, encarregada da exploração de bauxita no Porto Trombetas. Não conseguindo atender as exigências da empresa, que em função de um acordo com o sindicato de trabalhadores, não pode utilizar carne não-certificada em seu restaurante, os pecuaristas foram obrigados a comercializar seus rebanhos para abatedores localizados em Manaus, impedindo desta forma, de Oriximiná tentar obter maior valor agregado com a produção de carne frigorificada.

Considerações Finais

1) As contradições e desigualdades socioespaciais decorrentes do desenvolvimento capitalista contemporâneo no Baixo Amazonas, estão expressas na própria dinâmica do crescimento urbano e rural da região. Assim, enquanto Santarém concentra população, consolidando sua posição de centro intermediário entre Belém e Manaus, Óbidos, enfrenta um processo de declínio econômico, em virtude da liquidação das lavouras de juta e cacau, porém sua população registrou um pequeno aumento na última década, passando de 46.490 habitantes em 2000 para 49.254 habitantes em 2010. É relevante assinalar que Óbidos é o único município

que apresenta equilíbrio entre as populações rural (23.840 habitantes) e urbana (25.414 habitantes), contrariando inclusive uma tendência da evolução demográfica do país, considerada majoritariamente urbana pelos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No caso de Oriximiná, a população da última década registrou um significativo aumento, passando de 48.332 habitantes em 2000 para 62.963 habitantes em 2010, e encontra-se relativamente estabilizada como núcleo da Amazônia profunda², dependente da extração da bauxita e secundariamente da castanha, pecuária de corte, madeira, pesca e agricultura;

2) Na última década o crescimento urbano de Santarém foi acentuado, passando de 262.538 habitantes em 2000 para 294.114 habitantes em 2010, estando também, associado, a sua posição estratégica como um dos principais eixos da BR-163, proveniente de Cuiabá, transportando soja, escoada para o mercado internacional, pelo terminal da Cargill, localizado no porto da cidade. O advento da rodovia altera significativamente as relações deste centro com as várzeas do Baixo Amazonas, podendo ocorrer situação similar a Porto Velho, que ocasionou um verdadeiro “inchaço” urbano, originário do fluxo rodoviário da BR – 364, proveniente de Cuiabá e de cidades do sul e do centro de Rondônia. Este fluxo foi aumentado consideravelmente, em função das obras para a construção do Complexo Hidrelétrico do Madeira, sendo conveniente ressaltar que já estão sendo realizadas obras visando o aproveitamento energético da Bacia do Tapajós reforçando vínculos entre Santarém e Porto Velho, inserindo estes centros interioranos amazônicos na fronteira energética do país;

3) Condições ecológicas revelam diferenças e similitudes entre as comunidades localizadas nos paranás e na calha dos rios principais. A tranqüilidade das águas dos paranás contribui para que os produtores tenham maiores cuidados com os cultivos agrícolas e a criação de pequenos animais. A pesca e a pecuária são praticadas indistintamente pelos produtores destas comunidades, que apesar da relativa fertilidade de solos, sofrem limitações de espaço, decorrentes da sazonalidade imposta pelo sistema fluvial amazônico;

4) A pecuária de corte ocupa vastas extensões das várzeas do Baixo Amazonas (eixo Santarém/Oriximiná) como consequência da rápida expansão desta atividade no Estado do Pará.

² Categoria criada pelos autores do trabalho para definir áreas ou locais distantes dos grandes e médios adensamentos populacionais amazônicos, ou seja, pontos do interior, distantes dos eixos rodoviários e fluviais.

Este avanço acarreta sérias conseqüências para o frágil ecossistema, como também está alterando o tipo de solidariedade existente nestas comunidades, na medida em que a pecuária não necessita do trabalho coletivo voluntário, realizados pelos grupos locais, como o "mutirão". Assim, observa-se que as várzeas estão acompanhando a expansão da pecuária na Amazônia e sofrendo as graves implicações sociais e ambientais desta atividade. A comprovação desta expansão é observada pela presença de pecuaristas gaúchos em Oriximiná, que venderam terras no sul e adquiriram fazendas na região, contribuindo para o agravamento dos problemas sociais e ambientais locais. A lógica territorial destes empreendimentos se contrapõem à das populações ribeirinhas dedicadas à agricultura de subsistência e à pesca tradicional praticada por estas comunidades. Notamos ainda a presença na várzea de precários embarcadouros construídos de madeira, facilitando o embarque de animais em inúmeros e pulverizados pontos deste ecossistema, dificultando qualquer tipo de controle sanitário;

5) A questão do transporte e comercialização de combustíveis, apresenta problemas que não são percebidos devido a fiscalização nos modais portuários de Belém ou de Santarém, e sim verificados na intensa circulação do produto pela vasta rede fluvial amazônica, em embarcações improvisadas e irregulares, apresentando graves riscos para as comunidades locais, dependentes do óleo para energia e abastecimento de barcos. Constatamos também o uso de geradores como moeda de troca pelos políticos, que distribuem estes equipamentos para as comunidades em troca de votos, constituindo-se em uma forma de assistencialismo e patrimonialismo típicos da vida política do país;

6) A cultura de "barranco"³, herança indígena e amplamente disseminada na Amazônia desde a época das "drogas do sertão", continua representando uma adaptação da circulação de embarcações às condições hidrográficas locais, pois a população ribeirinha, ressignifica constantemente o seu uso, adaptando-o às suas necessidades. No entanto, a utilização do "barranco" para o deslocamento de cargas pesadas e perigosas como gado e óleo combustível, coloca em risco o meio ambiente e as populações locais. A construção de embarcadouros próprios para o transporte de combustível evitaria o quadro presenciado em Oriximiná, onde

³ Refere-se à ressignificação que o desenvolvimento capitalista está fazendo, na região, dos barrancos utilizados pelas comunidades tradicionais, para o transporte de combustível, gado em pé, entre outros.

precárias embarcações acomodam recipientes em improvisados ancoradouros localizados em frente a cidade;

7) Nas entrevistas com lideranças comunitárias locais, verificamos que as associações de produtores estão se organizando em função da pesca e não mais da agricultura como foi na época da juta. Assim, a atividade agrícola está sendo considerada uma tarefa de menor magnitude, na medida em que a população não mais se identifica como integrante desta atividade. As associações de produtores deveriam englobar agricultores e pescadores, mesmo que a atividade agrícola esteja vinculada ao auto-consumo, não devendo ser considerada como exemplo de atraso, e sim como uma medida de segurança alimentar e necessária para a reprodução social e manutenção das populações ribeirinhas na região.

Referências

AB'SÁBER, A. N. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

BINSZTOK, J. A Inserção da Amazônia na Reestruturação Produtiva do Espaço Agrário Brasileiro. **Anais do XIV Encontro Nacional de Geógrafos – Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)**. Universidade Federal do Acre – Rio Branco, 2006.

_____. Projetos Integrados de Colonização: Paradigma da Contra-Reforma Agrária Promovido pelo Regime Militar nos anos 70 na Amazônia. **Anais Simpósio Internacional de Geografia Agrária**. SINGA, Novembro, UFF, 2009.

CARDOSO, F. H. e G. Muller. **Amazônia: expansão do capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

CASTRO, F. **Economia Familiar Cabocla na Várzea do Médio-Baixo Amazonas**. In. Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. Org. ADAMS, C., MURRIETA, R., NEVES, W. São Paulo: Annablume Editora, FAPESP, Ano 2006. Segunda reimpressão, 2008. p. 173-194.

DIEGUES, A. C. (Org.) **Desmatamento e modos de vida na Amazônia**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1999.

GAMA, A. do S. P.; ALENCAR, Ane; LIMA, Auxiliadora de N. M; FERREIRA, Fernanda. **O avanço da soja e a questão fundiária na Amazônia: o caso do baixo amazonas. Disponível na Rede**.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, A. L. **Amazônia desenvolvimento para quem? Desmatamento e conflito social no Programa Grande Carajás**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Pecuária Municipal**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 24/05/2013.

OLIVEIRA, A. U. **Modo Capitalista de Produção e Agricultura**. SP: Editora Ática, 1986.

_____. **Amazônia, Monopólio, Expropriação e Conflito**. Campinas - São Paulo: Papyrus, 1990.

RIBEIRO, H. de S. **Abertura de fronts agropecuários e problemas urbanos na Amazônia Legal**. In. *Epistheme*. - v. 1, n. 1, Coromandel : Faculdade Cidade de Coromandel, 2011.

_____. **Abertura de novos *fronts* agropecuários e violência na fronteira amazônica**. In. **XI EREGEO**, Simpósio Regional de Geografia. A Geografia Regional do Centro Oeste Brasileiro, passado, presente e presente. Jataí-GO, 2009.

SMERALDI, R. e P. H. MAY. **O Reino do Gado: Uma nova fase na pecuarização da Amazônia**. Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. São Paulo, 2008.

VELHO, O. G. **Capitalismo Autoritário e Campesinato. (Um estudo comparativo da fronteira em movimento)**. São Paulo: DIFEL, 1979.

Recebido para publicação em 17/05/2012
Aceito para publicação em 02/04/2013